

Dívida Externa Títulos do Brasil caem GAZETA MERCANTIL no exterior

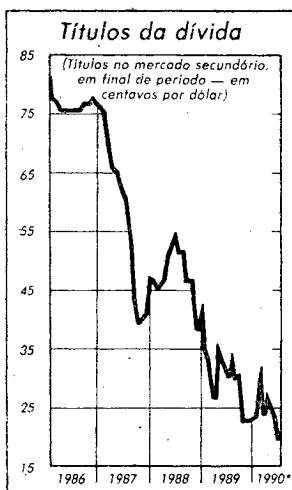
31 JUL 1990

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

Desde a última quinta-feira, uma forte pressão baixista afetou o principal título da dívida externa brasileira, Multi Year Deposit Facility Agreement (MYDFA), que ontem registrou seu preço mais baixo neste ano, 19,5 centavos por dólar nominal na compra, com um desconto de 80,5% sobre o valor de face.

Enquanto os MYDFA perderam 16,85% de seu valor em apenas um mês, as linhas de crédito para exportação (projeto 3) e interbancárias (projeto 4) ganharam cerca de 4,5% no mesmo período, para o corrente patamar de 86-87 centavos por dólar, com desconto de apenas 13,5% sobre o valor de face.

Não é difícil entender por que os MYDFA estão em queda, e já ofereciam um retorno negativo de 6,78% nos três meses de mandato do governo Collor de Mello vencidos em junho último. "Simplesmente não há o que se fazer com o papel", explica o diretor-gerente de transações com empréstimos no banco espanhol Santander, Ángel Santamarina. "E en-



Fonte: Solomon Brothers, Morgan Guaranty Trust e
Centro de Informações da Gazeta Mercantil
* Cotação em 20/7/90

quanto o Banco Central não abrir opções para usá-lo, não há piso para a queda no preço", acrescentou.

Além disso, a recente degradação dos títulos brasileiros pela agência reguladora norte-americana ICERC, que considerou os títulos de curto prazo do país como "substandard" e os de prazo médio "value impaired", "obriga os bancos a descartar esses créditos de seu portfólio ou, então, aumentar seus níveis de reservas.

E alguns bancos estão preferindo vender", explica o chefe de transações com riscos soberanos no Shearson Lehman Hutton, Kenneth Hoffman.

Comenta-se no mercado que pelo menos dois bancos de primeira linha estavam vendendo títulos brasileiros na semana passada. Nesses casos, porém, é difícil distinguir se a instituição está — se desfazendo de papéis de seu próprio portfólio, se está vendendo papéis de terceiros ou se está mudando sua exposição —, por exemplo, trocando papéis do Brasil pelos da Argentina.

Os bancos mencionados

por operadores nesses casos raramente fazem comentários. Mas um porta-voz de um dos bancos disse ontem a este jornal que "nossas operações na semana passada foram normais, e não estávamos vendendo títulos brasileiros de nosso portfólio".

De qualquer modo, "há muito pouca atividade no momento com papéis do Brasil", assegurou a este jornal o diretor-gerente de transações com ativos no MG First Boston, Cónor O'Driscoll. "As transações são de valor baixo, quando existem, e o mercado está muito mais centrado atualmente no México", acrescentou.

Um operador de um banco de investimentos estimou que, ao longo do mês de julho, o mercado secundário deve ter movimentado cerca de US\$ 2,5 bilhões em títulos, contando aqui tanto as vendas quanto as compras, dos quais apenas cerca de 10% se referiam a títulos brasileiros cuja dívida representa, no entanto, um quarto da exposição dos bancos aos maiores países devedores.

O México e a Venezuela teriam movimentado o dobro do volume de papéis brasileiros, cada um.

O MUDFA desceu ao seu

(Continua na página 25)

A demanda pelas ações da Companhia de Telefones de Chile em Wall Street superou três vezes a oferta. A empresa de telecomunicações chilena foi a primeira da América Latina, nos últimos 27 anos, a captar recursos nos Estados Unidos, lançando American Depositary Receipt (ADR), recibos representativos de ações que emitiu. Com a operação, feita pela Salomon Brothers, a empresa levantou US\$ 85 milhões.

(Ver página 25)

DA ANO, 12 MILHÕES DE
CTARES FERTILIZADOS.



Títulos do Brasil caem no exterior

por Getulio Bittencourt
de Nova York

(Continuação da 1ª página)
valor histórico mais baixo desde dezembro do ano passado, quando o mercado secundário ficou temporariamente apavorado com a possibilidade de o candidato do PT vencer a eleição presidencial. "Mas a situação atual é diferente", argumenta o gerente de mercado de capitais na agência nova-iorquina do banco brasileiro Unibanco, Bertrand Saliba. "Em dezembro, havia muitos operadores curtos, precisando cobrir posição com os MYDFA. Hoje o papel desceu quase ao mesmo patamar, mas quem quer comprar encontra papel no mercado."

A razão para a ascensão do preço dos projetos 3 e 4 pode ter um reflexo significativo na renegociação da dívida brasileira no próximo ano. "É que o acordo que obriga os bancos credores a manter essas linhas vence em 31 de março de

1991", explicou ontem um operador a este jornal, "e há um consenso corrente de que não serão renovadas. Ou melhor, a renovação será voluntária".

Isso quer dizer que um banco credor pode simplesmente fechar o crédito e pedir seu dinheiro de volta, na base de 100% do valor de face.

É por isso que vários bancos estariam no mercado comprando essas linhas com o desconto corrente de 13,5%, para embolsar 100% em abril de 1991.

Mas um operador lembra que nem todas as linhas serão necessariamente fechadas. "Há bons negócios para se fazer com os projetos 3 e 4. O que vai mudar é que os bancos terão um instrumento adicional para obrigar o governo brasileiro a fazer alguma coisa com os juros atrasados dos MYDFA. Sem uma solução para esse problema, não haverá muito boa vontade para o restante", argumentou.

Dívida Externa

31 JUL 1990

GAZETA MERCANTIL